

## **IDOSO TÁ RENOVANDO. POR ISSO NÃO EXISTE IDOSO”: SEXUALIDADES, SOCIABILIDADES E ENVELHECIMENTO NAS FESTAS DE FORRÓ NO RIO GRANDE DO NORTE”<sup>1</sup>**

Amanda Raquel da Silva<sup>2</sup>

Angela Facundo Navia<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho é fruto de uma pesquisa que objetiva compreender diferentes dimensões da vivência da sexualidade na velhice. A proposta é entender os efeitos das práticas discursivas sobre corpo, sexualidade, envelhecimento e desejo na vida de homens e mulheres na fronteira etária dos 60 anos de idade. Tais sujeitos são moradores da cidade de Natal e algumas cidades vizinhas, no estado do Rio Grande do Norte, localizado no Nordeste do Brasil. No desenvolvimento da pesquisa, e com a retomada de atividades de socialização depois do período de isolamento social, o universo dos forrós voltados para pessoas “mais velhas” se abriu. Os forrós foram mostrando novas perspectivas para o campo com circuitos de paqueras, sociabilidades, danças, festas, namoros, sexo e também reflexões sobre saúde atreladas à participação das pessoas nesses espaços. Apesar de se inserir num conjunto mais amplo de festas populares, o trabalho se delimita ao estudo dos bailes e forrós da “melhor idade”, que são direcionados a pessoas chamadas nesses locais de “coroas”, “mais velhas”, “na terceira idade” etc. Para as e os interlocutores, dançar, conversar, flertar etc., significa sentir alegria e as festas são vistas como formas de promoção à saúde. Nesses encontros, os namoros e a diversão podem ser entendidos como uma oposição ao envelhecimento estigmatizado, como uma fase de ausência, falta e deterioração. Mas, simultaneamente, são locais em que se estabelecem e se renovam códigos e avaliações morais sobre o dever ser dos comportamentos erótico-afetivos “na velhice”, atualizando também códigos de gênero. A pesquisa, então, constrói um estudo etnográfico de três eventos voltados para pessoas “mais velhas”, prestando especial atenção às definições nativas do que seja envelhecimento, às associações feitas pelas pessoas entre diversão e saúde e aos discursos especializados disponíveis para elas sobre o dever ser da sexualidade e do erotismo depois dos 60 anos.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutoranda do curso de Antropologia Social, do PPGAS da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, amanda\_rq@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora orientadora: Dra. Em Antropologia, PPGAS – UFRN, angelafacundo@hotmail.com

**Palavras-chave:** envelhecimento; sexualidade; antropologia; corpo; sociabilidades.

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa de doutorado indaga pelas diferentes dimensões da vivência da sexualidade de pessoas na faixa dos 60 anos, que frequentam forrós e festas, na cidade de Natal e municípios vizinhos, no Estado do Rio Grande do Norte, no Nordeste, onde acontecem encontros voltados para esse público. A proposta é entender os efeitos das práticas discursivas sobre corpo, sexualidade, afeto, envelhecimento, desejo, saúde e expectativas de comportamento na vida de homens e mulheres com idades próximas.

Ver a importância em pesquisar sobre o tema da sexualidade na velhice não foi algo que necessariamente partiu de mim, isoladamente. Ao trabalhar por quase cinco anos em uma Unidade de Saúde da Família (USF) como Agente Comunitário de Saúde (ACS), passei a conviver e fazer trocas diárias com pessoas de idades bem superiores à minha. Foi a partir desse contexto que no mestrado tratei do tema da afetividade com seis mulheres negras com idades entre 50 e 75 anos. No campo, encontrei outros temas que descobri serem correlatos como, por exemplo, a forma que veem seus corpos nessa fase da vida, a autoestima, o sexo, a sexualidade, e como essas mulheres contavam suas histórias de vida de modo em que infecções sexualmente transmissíveis apareciam de modo cronológico através de suas vivências afetivas.

Inicialmente a proposta era buscar compreender o uso de fármacos que auxiliassem no desempenho sexual de homens e mulheres. Ou seja, procurávamos entender a farmacologização da vida dessas pessoas, para em seguida tentar identificar usos de tecnologias virtuais de namoros e paqueras, como ao exemplo de aplicativos de relacionamentos, e se esses seriam mais presentes para a dimensão do envelhecimento. Contudo, isso pouco apareceu até então. A partir daí, identificamos que certas biotecnologias e usos tecnológicos ocupavam na verdade um local secundário nas estratégias de paquera e nas experiências de sexualidade desenhadas pelos interlocutores.

Os dados do campo me levaram, então, a realizar um enquadramento que considerasse, simultaneamente a classe e a geração; além do contexto específico da região. A minha expectativa era a de encontrar um grupo que utilizasse aplicativos de namoro, especialmente quando pensei em incluir pessoas de camadas médias na pesquisa. Contudo, o circuito de paqueras que foi se desenhando é um circuito mais popular. Basicamente minhas interlocutoras usam, como tecnologias de comunicação, paquera e namoro, o Facebook e o WhatsApp. Mas,

principalmente, as idas a festas e forrós. É nestes termos que no campo vi como o recorte de classe e o envelhecimento começam a colocar essas outras tecnologias da comunicação e biotecnologias em lugar secundário nas experiências de sexualidade e estratégias de paqueras dos interlocutores.

Através da busca de pessoas para a pesquisa e tentando compreender melhor os universos de paquera para esse público, encontrei esses espaços de festas e forrós que são direcionados e possuem maior público de pessoas chamadas no campo de “coroas”, “maduras”, “mais velhas”, “na terceira idade” etc. Assim, passamos para um novo cenário que permitiu outra interação com os sujeitos, agora em espaços de socialização. Nesses locais, os comportamentos se fazem, além do que se dizem, ou seja, além de falar sobre si, essas pessoas vão se mostrando, dançando, cantando, bebendo, curiosas para saber do que falamos, chamando a atenção de outros e a minha também. A minha presença em si já causa curiosidade, já que não são muitas as pessoas jovens frequentando tais festas. O tom das conversas ocorre através de diálogos rápidos e em alguns momentos pego o contato para uma entrevista em outro local e outro dia. Ainda assim, desde as conversas no campo, seja durante dançarmos ou ao cruzar o espaço, mesmo entre as músicas, começam a dar muitas informações e luz de uma vivência sobre a sexualidade, além de aparecer elementos discursivos que se ativam nesses espaços da sexualidade.

Apesar do forró aparecer de modo transversal, outros tipos de interações ocorrem através dele. Tem sido a partir desse universo que pude me deparar com diferentes percepções sobre relacionamentos, amizades, paqueras, sociabilidades, danças, festas, namoros, sexo, saúde, análise de química entre parceiros ou não, encaixe do passo, se a conversa é boa, entre outras possibilidades que podem acontecer nessas trocas de pares ao longo de algumas músicas. Para além disso, namorar, transar e se divertir trazem consigo uma perspectiva diferente daquela do envelhecimento estigmatizado, anteriormente visto como uma fase de ausência, falta e deterioração.

Aqui, é possível ver as festas de forró como elementos que mobilizam assíduos integrantes do que vem a ser uma rede de forrozeiros na “melhor idade”. Ou seja, trata-se de um espaço social que reúne grupos de diferentes origens, mas que mantém como público-alvo pessoas lidas como “mais velhas”. Por isso, a partir dessas festas, é possível perceber a manutenção de um convívio que tem marcado relações de amizades, afetivas e inclusive familiares.

Para os frequentadores, os dias com esses eventos passam a ser centrais nas formas não só de lazer, mas consideradas como atividades que geram saúde, que “salvam” e afastam as doenças. Por isso, o forró passa a ser uma estratégia também para qualidade de vida e saúde desses sujeitos que o frequentam assiduamente. De todo modo, é sabido que o significado das festas de forró é variável dependendo da faixa etária, raça, gênero, orientação sexual etc. Para o caso dessa faixa etária por volta dos 60 anos de idade, tenho visto que sua importância aparece em dois momentos marcantes de suas vidas: juventude e agora numa fase mais “madura”.

## **METODOLOGIA**

O trabalho constrói uma etnografia de três espaços que têm em comum o fato de atender ao público “mais velho” e de oferecer o estilo forró, sendo cada um deles com características específicas e também lidos de formas diferentes por seus frequentadores. Inclusive, alguns dos interlocutores sendo assíduos participantes dos três espaços. Desse modo, tem sido possível construir uma pesquisa de campo intensiva em diferentes espaços de socialização, mas que em todos a busca primordial das pessoas é pela música, dança, ritmo e festa que se concentram no forró.

O trabalho etnográfico é um método famoso da Antropologia, sendo mais conhecido até mesmo do que a própria disciplina. Falando bem brevemente, seu objetivo é obter uma compreensão profunda e holística de um grupo específico, seja uma comunidade, uma organização ou até mesmo um ambiente social específico. Geralmente, os antropólogos passam um tempo significativo convivendo com grupos, observando suas atividades cotidianas, fazendo entrevistas e registrando suas experiências pessoais. Assim, a etnografia visa capturar a perspectiva interna do grupo, em vez de apenas aplicar teorias externas. Isso ajuda a revelar os significados culturais, os valores e as dinâmicas sociais que moldam as vidas das pessoas. Uma das características do antropólogo é essa formação para ser “afetado”, ao vivenciar e pesquisar outras experiências. Por isso, vamos a campo com o conhecimento teórico nas mentes e voltamos as transformando a partir de novos dados. Os resultados da pesquisa etnográfica frequentemente são apresentados em forma de narrativas detalhadas, descrevendo os contextos e as nuances da vida das pessoas estudadas.

Além da pesquisa de campo com as idas às festas e eventos, também realizei entrevistas individuais com base em um questionário semiestruturado. Assim, a partir de blocos temáticos, foi permitido ver de modo mais biográfico uma organização da vida dos interlocutores. Desse

modo, no momento de processamento de dados o uso de um roteiro estruturado poderia contribuir nas análises oferecendo critérios pré-estabelecidos de comparação. Nesse roteiro, continha blocos de questões sobre características pessoais e familiares; escolaridade e profissão; trajetória sexual-afetiva, desde sua iniciação; e questões sobre contracepção, prevenção e outros métodos biotecnológicos para manutenção sexual. A realização das entrevistas aconteceu em diferentes locais, como em uma sala reservada na universidade, no espaço de trabalho dos entrevistados e entre as mulheres as realizei em suas próprias casas. As entrevistas foram gravadas e, após, ouvidas, transcritas integralmente e analisadas. Cada uma delas levou uma média de uma hora a uma hora e meia de conversa.

Logo, para além das observações nas festas de forró, entrevistei individualmente seis homens, com idades entre 61 a 74 anos. Além desses, também fiz entrevistas em profundidade com cinco mulheres nas faixas dos 58 aos 73 anos de idade, para além das conversas informais que mantenho com várias interlocutoras. Além disso, na pesquisa, pude levantar dados em entrevistas não-diretivas com organizadores, coordenadores de grupos e frequentadores das festas. Somado a isso, a maior parte dos dados e informações colhidos ocorreu através de trocas e conversas ao longo dos eventos, além das observações de cada um desses locais.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Iniciei a aplicação dos questionários com um grupo de homens. Essa escolha obedeceu ao receio de ser mais difícil encontrar homens dispostos a falarem e ao pouco contato que eu tinha com esses. É importante frisar que com esse tipo de encontro, a dinâmica da entrevista ocorre através de trocas entre entrevistadora e entrevistado, o que dá uma abertura para que se criem expectativas de ambas as partes e estratégias de produção de si mesmo. Durante as entrevistas tais homens me relataram com tranquilidade sobre aventuras sexuais, traições, violências cometidas contra mulheres, tudo em momentos de suas juventudes. Contudo, ao falar sobre o momento presente afirmavam calma, fidelidade, a não necessidade do uso do Viagra, mesmo todos conhecerem alguém que já tomou o tal “azulzinho”, saberem preços e até locais de venda, mas todos afirmaram nunca terem tomado, entre outros aspectos, numa aparente tentativa de se colocarem nessa fase como pessoas “mais velhas”, exemplos no exercício da função de guardiões de uma norma social e moral e da sua reprodução. Ainda assim, ao entrevistar homens passei por algumas situações que me fizeram parar para pensar e utilizar outros tipos de estratégias. Como, por exemplo, receber ligações por vídeo tarde da noite,

investidas nas festas de homens que diziam “preferir mulher nova”, convites para jantar ao final de uma entrevista, entre outras situações.

A partir disso, fiz algumas reflexões sobre o trabalho de campo de uma antropóloga negra e jovem ao fazer pesquisa com homens mais “velhos” e heterossexuais. Somado ainda o fato do estudo tratar de temas considerados íntimos, no caso a sexualidade, junto com um grupo que historicamente apresenta dificuldades ao falar de si, de emoções e de relacionamentos, sendo esses alguns pesos da construção das masculinidades. Aqui, usarei o termo no plural, pensando as muitas masculinidades que são feitas e refeitas na história, sem essencializar como se houvesse um gene que as une.

Os estudos empíricos possibilitam apreender as construções locais e nacionais das masculinidades. Assim, é interessante conectar relatos das masculinidades locais com histórias que vinculam diferentes áreas geopolíticas, os processos coloniais, neocoloniais e os do liberalismo econômico mundial. Por isso, deve-se evitar conclusões fáceis sobre suas supostas características essenciais.

É nesses termos que eu, junto com orientadora, percebi que compreender a construção da figura do “cabra macho” nordestino pode ser interessante para visualizar como em alguns momentos, certas características e estereótipos se apresentam nas falas e por vezes comportamentos e atitudes de homens no campo. Contudo, a proposta não é uma tentativa de essencializar esse homem, mas mostrar os pesos da formação de uma região imaginada e de uma figura que a representava em paralelo. Com isso, estereótipos são perpetuados até hoje em vários momentos, mesclando ideias de masculinidades hegemônicas com características de um homem que precisa de alguns atributos para sobreviver e se manter “dominando” uma região. Assim, foi possível perceber alguns traços da construção da masculinidade nesses contextos. Além disso, de acordo com Trotta (2014), as festas de forró são espaços favoráveis para a manifestação da masculinidade, pois produzem uma mítica em torno da festa sertaneja característica. De acordo com o autor, o ambiente da festa forrozeira coloca a resistência física do sertanejo-macho estereotípico à prova através da dinâmica da dança e da tensão da paquera. Por isso, é relevante a compreensão da construção da figura nordestina, já que esse sertanejo-macho é uma das representações produzidas a partir da formação da região Nordeste.

Ao longo da pesquisa, acompanhei três festas cujo público preponderantemente é considerado “mais velho”, sendo duas dessas voltadas exclusivamente para esse conjunto de pessoas. Essas, inclusive, possuem regras quanto à entrada de mulheres mais jovens. Já a

terceira possui uma mistura de idades, sem regras específicas com relação ao público, mas que ainda assim, consegue reunir um grande número de pessoas que frequentam os outros dois espaços acompanhados por este estudo. Ou seja, esses três locais são constantemente ressaltados pelos interlocutores como os melhores locais para dançar forró, paquerar e namorar. Além disso, como dito anteriormente, o gênero dessas festas é o forró e na cidade não encontrei outros eventos voltados para esse público com um estilo musical diferente. A partir daí, ao compreender as dinâmicas das relações sociais nestes locais, pude ter maior entendimento das sociabilidades, das paqueras, como ocorrem, por quais meios ou técnicas etc.

No campo, vi que a circulação em diferentes eventos produz um movimento de trocas que constitui uma rede social que, por sua vez, possibilita a manutenção de contatos diretos, que podem ser valorizados ou não, nos diferentes locais. Existem elementos de organização que vão influenciar o tipo de público, de comportamentos etc., como, por exemplo, o valor da entrada; o estilo de música; horários pré-definidos para terminar, por exemplo. Por vezes, a participação frequente dos forrós é considerada um estilo de vida por aqueles que não costumam perder um evento; por quem tem se redescoberto de modo positivo, reconstruindo uma autoestima através do ritmo e das danças; por aqueles que já gostavam, mas se afastaram de festas em detrimento dos casamentos etc.

Nesta pesquisa, tal faixa etária foi adotada enquanto critério apenas para facilitação de metodologia, por ser uma idade que os programas sociais do Brasil consideram enquanto terceira idade. De acordo com Debert (1997), para seu uso, entre os pesquisadores do estudo da velhice, essa não se refere necessariamente a uma idade cronológica, mas uma forma de tratamento das pessoas de “mais idade”, que não adquiriu ainda uma conotação depreciativa. É nesses termos que o tema exige um olhar atento para algumas categorias. Aqui, tentei compreendê-las a partir da arbitrariedade delas. Ou seja, é importante salientar que o envelhecimento não é um processo universal que acontece da mesma forma para todos e se define apenas pelas mudanças em termos corporais, físicos, anatômicos etc. Mas, para além disso, o recorte etário ocorre para outras coisas, como ao exemplo de ser usado por políticas públicas.

São muitas as questões sobre envelhecimento, mas com relação às políticas públicas, a partir das décadas de 80 e 90 se intensificam os grupos de idosos que se autodenominam de “terceira idade” ou “melhor idade”, como inclusive vi no campo. Contudo, apesar dos nomes desses ou dos usos das políticas quando necessário, seus participantes nem sempre se

denominam através desses termos, inclusive por vezes temendo a velhice e a considerando um período distante, que tirará muitas de suas capacidades. Assim, os discursos são ressignificados nos grupos, inclusive a partir das próprias vivências de cada um. Por isso, aqui se reconhece que a idade não define a velhice e conseqüentemente se tomará cuidado ao indagar se as pessoas entrevistadas se sentem ou não “velhas”. Por esses motivos, os conceitos utilizados são os que surgiram de modo orgânico nas autodefinições dos interlocutores no campo. Ou seja, as classificações independem da idade. Ao mesmo tempo que um sujeito possa ser visto no forró de um modo, fora pode ser outro. Presencio isso constantemente nessas festas, ouvindo inclusive minha mãe ser usada como exemplo de “novinha”, mesmo no auge dos seus 59 anos de idade, mas que frente a uma mulher de 73 é considerada ainda uma menina.

Assim sendo, entendo a idade como um recorte que possibilitaria escolher um grupo, mas, consciente de que pessoas de uma mesma idade podem estar em momentos muito diferentes de vitalidade, projetos, saúde, e isso independe do ambiente. Por isso, a escolha havia sido de utilizar o recorte etário utilizado pelas políticas públicas sociais, mas aqui, permitimos flexibilidades do que se “aproxima” das fronteiras. Essas fronteiras podem trazer, por exemplo, uma passagem sutil entre ser uma “coroa” ou “madura” ou “mais velha” e ser uma pessoa “velha”. As categorias que as próprias pessoas trouxeram estão aqui, nesta pesquisa, cumprindo o papel de talvez até desestabilizar a ideia de terceira idade, velhice etc. Logo, aqui não foi tratado somente terceira idade, mas sim as formas como os próprios interlocutores se definem, pensando no sentido de que geração não se refere a pessoas que compartilham idade, mas vivências.

Para além dos termos, nos últimos anos, acompanhamos no país um maior interesse ativista e acadêmico no gênero e na sexualidade, entrelaçadas ao curso de vida, sobretudo ao envelhecimento. Esse ativismo tem crescido e se mostrado expressivo ao se opor a uma visão negativa da velhice. Especialmente a gerontologia se esforçou por mostrar que uma sexualidade gratificante era indispensável para o bem-estar na terceira idade. A importância da ideia da sexualidade politicamente correta, que não tem a ver com reprodução, clandestinidade, obscenidade, mas que melhora a saúde, segundo esses discursos, é fundamental para autoestima dos indivíduos. Assim, começa a se tornar convencional a ideia da sexualidade que não se extingue com o passar dos anos, mesmo com as modificações corporais próprias do passo do tempo.



A ideia da velhice assexuada transitou nesses anos para uma de quase obrigatoriedade da vida sexual no curso da velhice (DEBERT e BRIGEIRO, 2012). A sexualidade saiu do apagamento e virou uma parte fundamental das prescrições gerais para se alcançar envelhecimentos admirados e considerados “saudáveis”, “positivos” e “bem-sucedidos”. Alguns autores têm chamado esse conjunto de transformações de “processo de erotização da velhice” (DEBERT, HENNING, 2015, p. 15), e alertado para a associação entre felicidade, qualidade de vida e uma vida sexual gratificante.

Da gerontologia e outras disciplinas especializadas, passamos a uma circulação social mais expandida dos novos paradigmas sobre a sexualidade movidos pela crítica aos estigmas que liam o envelhecimento como uma fase de ausência, falta e deterioração. Com isso, os esforços por reenquadrar as compreensões dessa não passaram só pela redefinição ética e valorativa, mas apontaram a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas específicas que reconhecessem, por exemplo, a urgência da promoção da saúde sexual das pessoas idosas.

Como consenso, entendemos hoje que o envelhecimento é um processo que envolve fenômenos de natureza biológica, social, cultural, psicológica e existencial. A partir desse entendimento e do aumento das pesquisas no século passado, a velhice tornou-se assunto social no Brasil, aparecendo muito mais notoriamente em trabalhos acadêmicos de outras áreas do conhecimento, como objeto de demandas ativistas e como objeto das políticas públicas. Apesar das dificuldades que enfrentam os “mais velhos” em matéria de acesso a serviços e de aceitação social, há, sim, uma maior expectativa de vida e melhorias de acesso a tecnologias de saúde, que não anulam, claro, as diferenças engendradas pelas desigualdades sociais. Alguns autores apontam que a terceira idade deixou de ser sinônimo de decadência e doença, para ser vista como um tempo privilegiado para atividades livres dos constrangimentos do mundo profissional e familiar (DEBERT, 1997). Com isso, ocorre também uma possibilidade de extensão da vida sexual e da qualidade da experiência sexual na velhice, que também virou foco de programas, campanhas e interesses comerciais. Todavia, é importante salientar que não estou propondo reforçar uma nova norma social que estabeleça a obrigatoriedade da sexualidade na velhice. Essa última visão, que surgiu como resposta crítica aos paradigmas clássicos, engendrou, às vezes, espécies de “ditaduras da vida plena” que exigem dos adultos um grau elevado de autovigilância em saúde, de atividades consideradas mental e fisicamente saudáveis e o exercício quase normativo da sexualidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente ao buscar entender os usos tecnológicos relacionados à sexualidade, nas entrevistas ou em conversas nos próprios eventos, quando perguntei da utilização de sites ou aplicativos de relacionamentos como artifício para paquerar, me falaram que preferem o presencial. Chegar, convidar para dançar e se o passo encaixar, tiver química, acontece uma conversa. Depois de conhecer pessoalmente é que se parte para a troca de contato do WhatsApp e/ou Facebook. Ocorre uma certa desconfiança de abordagens iniciais nessas redes, mas isso não anula algumas situações que acontecem também, mas que serão melhor analisadas em outro momento.

No campo, o forró tem aparecido como marcante na vivência dessas pessoas, nordestinas, do interior ou da capital, que encaram esse ritmo e dança como uma reconexão com a juventude, mas além disso, um gostar pessoal e importante. Posso citar o meu próprio exemplo, que ao ouvir músicas e frequentar as festas, percorri um reconhecimento afetivo da minha bagagem não só musical. Passei a reconhecer o forró como importante em vários momentos da minha história, trazendo memórias familiares, afetivas e inclusive identitárias. Pessoalmente não percebia o quanto o estilo esteve presente em acontecimentos marcantes da minha vida e na construção de vínculos afetivos, por exemplo. Por isso, ao ser “encontrada” pelo tema e agora na escrita, passei a fazer uma imersão de lembranças e memórias minhas também. Dificilmente alguém da região não conheça ao menos um trecho das músicas clássicas, seja do forró pé-de-serra ou do forró eletrônico. E igualmente difícil não sentir vontade de dançar ou ao menos mexer o pé com as famosas do cantor Luiz Gonzaga<sup>4</sup> ou da banda Mastruz com Leite<sup>5</sup>, por exemplo. Para além disso, no decorrer da etnografia ouvi histórias interessantes acerca da sua importância para algumas pessoas. Como quando eu soube de um término de relacionamento pelo namorado não gostar de dançar forró; também um homem dizer que é bem

---

<sup>4</sup> Luiz Gonzaga (1912-1989) foi um músico brasileiro. Sanfoneiro, cantor e compositor, recebeu o título de "Rei do Baião". Foi responsável pela valorização dos ritmos nordestinos, levou o baião, o xote e o xaxado, para todo o país. A música "Asa Branca" feita em parceria com Humberto Teixeira, gravada por Luiz Gonzaga no dia 3 de março de 1947, virou hino do Nordeste brasileiro. Fonte: [https://www.ebiografia.com/luiz\\_gonzaga/](https://www.ebiografia.com/luiz_gonzaga/). Acessado em junho de 2023.

<sup>5</sup> Da década de 1990, do Estado do Ceará, a banda Mastruz com Leite é apontada como marco inicial desse reprocessamento mais radical do forró. Inventada pelo empresário Emanuel Gurgel, a banda buscou construir uma sonoridade que estivesse em diálogo com a “nordestinidade” do forró, mas que incorporasse também outros códigos e valores. Essa conciliação estética tem como resultado uma instrumentação fortemente apoiada na sanfona, mas com a inclusão de teclados, saxofone, bateria e baixo. Mais do que isso, o “forró pop” da Mastruz não era apenas uma marca de *marketing*, mas uma estratégia comercial e estética explícita. Gurgel e sua banda buscavam uma inserção no mercado de música *pop* e, através dela, protagonizar o afastamento de referenciais rurais e “atrasados” que embasavam o imaginário do forró (TROTTA, 2014).

difícil ser casado com uma mulher que não dança forró, pois essa é sua maior paixão. Esse último, por exemplo, diz que o grande problema é ela não tentar aprender e que sente muita falta de dançar. Esses são apenas dois exemplos do grau de importância que tem essa dança para algumas pessoas com as quais conversei. Tem sido interessante notar como o forró tem ido muito além da expectativa das paqueras. É uma forma, um meio, mas o objetivo maior e inicial é o dançar, por vezes práticas que haviam sido deixadas de lado com o tempo ou pelos casamentos.

Desde o mestrado, percebi que esses dois paradigmas da sexualidade na velhice, apresentados anteriormente, primeiro como falta, processos de exclusão, momentos que se extinguem força vital, vistos de maneira negativa, a ridicularização da sexualidade na terceira idade, como piada; e segundo o que impõe a sexualidade como obrigatoriedade para uma vida saudável; aparecem aqui, de maneira simultânea. Ou seja, as pessoas não seguem um ou outro. A partir dos forrós tem sido possível ver que ambos os paradigmas coexistem e circulam de maneira simultânea, sem se excluírem ou aderirem um ao outro, mas interagindo de maneiras diversas. Com a organizadora de uma dessas festas é possível ver isso de uma maneira bastante clara, já que ela reconhece que a dança, festas, namoros etc. são meios para se adquirir saúde e um envelhecimento saudável e feliz. Contudo, ao mesmo tempo, ela condena a sexualidade fora de normas que enxerga como “morais”, quando essa ocorre, por exemplo, sem o objetivo de um matrimônio ou só visando “ficadas” sem compromisso ou encontros somente para o sexo. É com dinâmicas assim que percebemos a coexistência de tais paradigmas de modo conjunto.

Logo, como se pode ver, a sexualidade estabelece um vínculo com questões sobre corpo, representações sociais da velhice, trajetórias de vida, negociações morais e a constituição dos afetos, entre outros aspectos importantes para compreender o processo de envelhecer na contemporaneidade (ANDRADE e FRANCH, 2012, p. 46).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em pesquisas anteriores com interlocutoras dessa faixa etária (SILVA, 2019), uma das queixas recorrentes das mulheres era acerca do sentimento de solidão que passam, seja a partir da perda de companheiros ou a vida trabalhista corrida de parentes que conviviam junto com elas. Nesta pesquisa foi possível notar o uso de redes sociais como positivo no sentido de que podem estar mais em contato constante com outras pessoas. Contudo, o medo aparece frequentemente, seja com relação às pessoas que estão do outro lado da tela ou mesmo o medo

de mexer em coisas que não entendem e quebrar ou danificar o aparelho. Ainda assim, os usos do Facebook e WhatsApp são centrais não só na manutenção de contatos, como também para conhecer novas pessoas. Por vezes, pessoas que se aproximam no Facebook demonstrando algum tipo de interesse, enquanto no WhatsApp conversam mais com pessoas conhecidas previamente, e com isso administram a frequência de trocas de áudios, marcação de encontros etc. Logo, o que achávamos inicialmente que seria encontrado com mais frequência dado o contexto da pandemia, que seriam os usos de sites e aplicativos de relacionamento, na verdade demarcaram um viés que percebemos ser de classe e geração no campo.

Logo, com a produção etnográfica podemos chamar a atenção para as diversas possibilidades da vida como processo aberto. Até mesmo a ideia de estágios de vida e propósitos pré-definidos pode ser questionada quando ouvimos falar na materialização corporal, suas múltiplas manifestações e ainda essas serem mediadas com as incorporações de tecnologias. Assim, tem sido permitido ampliar e pluralizar opiniões sobre envelhecimento, gênero e sexualidade.

## **REFERÊNCIAS**

- ANDRADE, Márcia Andrea Rodrigues; FRANCH, Mónica. Eles não estão mais pra nada”: sexualidade e processos de envelhecimento na dinâmica do programa Saúde da Família. *MEDIAÇÕES*, londrina, v. 17 n. 2, p. 41-56, Jul./Dez. 2012.
- DEBERT, G. G. “A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 12, no 34, 1997.
- DEBERT, Guita Grin; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* vol.27, São Paulo, Anpocs, 2012, pp.37-54.
- DEBERT, Guita Grin; HENNING, Carlos Eduardo. 2015. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *MAIS 60 – Estudos sobre Envelhecimento*, São Paulo: Edições Sesc, v. 26, n. 63, p. 8-31, dez. 2015.
- SILVA, Amanda R. A cor das relações: corpo, idade e afetividade na experiência de mulheres negras em um bairro de Natal/RN. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - do PPGAS/CCHLA, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2019.
- TROTTA, Felipe. No Ceará não tem disso não: nordestinidade e macheza no forró contemporâneo. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2014.